

ÍMPETOS ÉPICOS (SELEÇÃO POÉTICA)

Rita Santana

Rita Santana nasceu em Ilhéus, Bahia, a 22 de agosto de 1969. É graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. É atriz com trabalhos em teatro, cinema e televisão; escritora e professora. Em 2004, ganha o Prêmio de Cultura e Arte para autores inéditos com o livro de contos Tramela. Em 2006, Tratado das Veias (poesia) é publicado pelo selo Letras da Bahia. Publica Alforrias (poesia) em 2012, pela Editus. Em 2019, publica Cortesias (poesia), pela Caramurê, e participa do Festival Internacional de Poesia de Buenos Aires..

Instagram: @rita.santana.988

AO POETA MORTO

Caminho sobre pedras pretas na areia;
miro o mar e navego por veredas
da memória, que ateia fogo ao olvidado.
Há séculos estamos juntos,
Sem fráguas, fagulhas nem anteparos.
Sem que tenhamos tido posse ou regalos
de Amor. Tudo combustão e imagens.

Sou só e sei da sua Morte,
Antes que me chegassem os pelicanos;
antes que me degolassem os navios.
Sei da sua morte antes que os esquifes
cruzassem oceanos com seu corpo
de água, sombra, oriente e adeuses.

MARCAS

O desenho veio sem aviso, num sopro,
e será outro elo entre nossos báculos.
É triste a escrita sem sua escuta,
sem a ternura de lagos e montanhas.
Sofro sem o arrimo dos signos,
pois a semântica dissipou-se entre as carpas
e os pavões dos pergaminhos.
Perscrutam-me as amantes e os filhos,
nada sei de mim, nem das suas cinzas.
Dos seus desejos e dores, nada sei.

Busco a memória que dorme entre fósseis
e ovos de dinossauros.
Habitamos cavernas que invernam sonhos,
e são nossos os rupestres traços
que anunciam a arqueologia do Tempo.

AS COMEDORAS DE BATATAS
PARA VINCENT VAN GOGH

A tempestade de granizo destruiu
A colheita das batatas,
Casas perderam os telhados.
Eu agonizo por temer intervenções - olivas! -
Em todo o sonho tenso do meu País.
Negros morrem linchados nas esquinas do Brasil.

A Pororoca morreu - de banzo!
Um tufão - de saudades - atinge a China.

Organizo o noticiário que me invade
E desacata a harmonia dos pardais,

Abrasa o amarelo encardido dos canários,
Provoca desalinho no voo das andorinhas,
Torna-me uma pietà preta a chorar
Seus filhos mortos!

Em dias de chuva, desmaio.
Enquanto tu te esquivas de mim
E eliminas as marcas dos meus avanços
Sobre o solo fértil da Pátria!
Adivinhas o abandono do porvir:
Deixo-te! Amaldiçoo-te!

Deixo contigo a abnegada e a de mutismos.
Deixo a amorosa e parto!

Minhas mãos negras estão pretas de terra!
Cozinho batatas! Sirvo-as sôfregas àqueles
Que dividem o pão comigo!
Como batatas com meus companheiros,
Como batatas com meus camaradas
Como batatas com outras escribas:
- aquelas que também plantam.
Há outras, mas estão - alhures- do outro lado do front!
São donas de vastas terras improdutivas.

Entorpeço os sentidos descascando versos,
Comendo a poesia dos carvoeiros.
Aqueles que dividem o pão com o pastor holandês,
Cujos deuses são o transtorno dos girassóis,
E a convulsão de uma noite estrelada.

POEMA METALINGUÍSTICO I
PARA O POETA FERNANDO JOSÉ KARL

Nossa nudez foi miragem
No barroco torto das pérolas!
Perco-me em falésias, falácias,
Quando encontro vestígios teus
Na poeira das gavetas,
Entre gravetos secos da paisagem.

Prometo afinidades, professas ventanias.
Penhoras amor e rito.
Senhora de mim, alheio-me!
E grito silêncios marinhos
Num Poema inacabado.
Enquanto tu lesas com espátulas azuis
Nosso universo de aranzel.

Definho solenemente em minha varanda
De escombros. Abarco vazios,
Investigo aranhas, araras.
Planto sementes de Áster-da-China
Para gozar alumbramentos.
Paira sobre mim o embrião das Eras.

O maremoto, que acaricia o verbo e o ser,
Afasta-nos! Inundados que estamos por cataclismas
De origamis, enganos e flores de cerejeira.

Quisera geografar teus ossos dissolvidos
Em terebentina e aguarrás.
Homem de universo fugidio, escapo!
Qual carpas douradas em meu aquário
Que é todo o Mar Egeu!

Inverto a ordem de Cronos,
Planto Irokos no terreiro,
Cuido do esterco dos porcos,
Adubo a terra e planto tomilho,
Cujo aroma é fino e esgarço.
Infrinjo todas as regras,
Para permanecer em estado de amor.

Amo-te, pesar de tudo que desejaria
No cerco das Horas,
Na incompletude dos desejos.
O tempo desfez nossos projetos
Líricos com Eros: éramos!

PANFLETO PARA PIRILAMPOS E MAGNÓLIAS

Há um aneurisma no cérebro do País
Esperando o tempo da explosão.
Pirilampos apagados
Buscam faróis na noite da Baía,
No mistério do dique, das docas.
Celebro manifestos insurrectos
Onde a Poesia cataclisma,
Hekatomba.

Estampo relâmpagos nos muros.
Uma hemorragia inunda
De sangue o oxigênio das horas.
O sangue pletora utopias, risos e chamas.
Apesar da grande noite que se abate sobre o País,
O combate permanece no silêncio das tumbas,
Na obscuridade dos pesadelos,
Nas vontades recolhidas por Blimunda.
O horror retumba sobre as casas.
Enquanto engenho palavras
E lavro novos âmagos.

Na Colômbia,
Há Ceibas na estrada para Córdoba,
E suas raízes guardam segredos
De viajantes, de plantadoras de café,
De homens que bebem a noite

E sorvem nossas magnólias
(Magnólias brancas de Billie).
Mulheres que mascam tristezas, fumos.
Ceibas mulheres que sustentam o céu,
E acolhem ancestralidades ameríndias.
Assim, desmoronam colinas inteiras dentro de mim.

Há acordes de desolação,
Sinfonia de silêncios,
Lassidão dos sonhos, das crenças.
Atavismos seculares nas paredes,
Nos retratos, nas páginas diárias da História.
Nosso leito está vazio.
Nosso eito, sem arado.
Somos um rio seco, sem curso.
Somos um poço escuro e profundo,
Onde não vivem sequer bagres albinos.
Discurso para desertos, para ossos e rochedos,
Para homens surdos e mulheres apáticas.
Somos um Paraguaçu de fósseis, de lembranças marinhas.
Além da devastação em nossas margens,
Aragem alguma suaviza as dores do presente.
Não vislumbro novas galáxias.
Apenas patíbulos de condenados suicidas.
Apenas juízes e delatores,
Apenas sigilos oportunos.
Há um vazamento de tristezas em nossos olhos,
Cataratas mudas aguardam a vertigem do Espírito do Tempo.

E desencantos mofam nossas paredes.
Como mulher: dilato-me!

Por todas as casas do País, há plantação de palmas.
E almas perecem de sede e desencanto.
Mucugê é um jardim de pedras
Cujas pétalas são nossos corações embrutecidos.
O cafezal ameaça as flores do lugar.
O manguezal avança sobre sutilezas de cores.

Há um aneurisma em mim
Que também explodirá!
Há um aneurisma nos justos
E naqueles que buscam alegrias coletivas.
Canso-me dos homens
E dos tentáculos da sua arrogância
Que invadem meus abismos,
Minhas sutilezas, minhas cerâmicas, meus musgos.

Canso-me dos homens
E da sua estupidez de pedra
Da sua obscuridade de gruta,
Seu estado de inércia,
Sua velhice precoce,
Sua adolescência perpétua.
Sua covardia de demônios.
Sua desistência, seu desamor.
Sou uma mulher da América Latina!

Sou uma voz diaspórica, negra!
Venho de uma África que me busca.
E o que faço é atravessar oceanos,
Decifrá-la em mim, em meu território.
Minha pena é o meu remo.
Minha pena é a minha bússola.
Minha pena é também minha nau.

Canso-me dos abutres, das raposas,
Dos leopardos e da prepotência dos intelectuais.
Ninguém me faz feliz!
Ninguém tem a chave!
Quem nutre a memória de mim?
Quem projeta meus delírios em suas cavernas?

Há um ranço de família na poeira das mobílias.
Ranço de nomes na cartografia das lápides.
Ranço do poder na energia das vozes,
Na seleção dos vocábulos.
Há o vício dos brancos, o vício do poder dos homens.
Sou feminista quando me desconstruo,
Travo embates com a existência
E enfrento temores.
Há um ranço de poder nas elites.
Há estalactites nos cérebros,
Estalagmites entre o sexo e a alma.

Há desvãos insondáveis dentro de mim.
Ninguém me acha, ninguém me vê,
E, hoje, ninguém me habita.
Há um labirinto dentro de mim,
Que apenas eu me percorro solitariamente aos domingos.
Apenas eu mínguo de vésperas e de escolhas.
Apenas eu recolho âncoras
E trago pavões em minhas saias.
Dragões e mandrágoras residem nas rendas
Das minhas negras anáguas.
Apenas eu sou casta,
Pois vivencio a solidão absoluta das divindades.

Trago em mim a ilusão de reter o tempo,
A extensão da vida, da morte.
Inútil reter a convulsão dos diamantes!
E a combustão dos diademas.
Inútil reter sementes, óvulos e afetos!
Inútil, pois o belo expira.
O amor definha.
E a história é feita de fios que se desfazem
No ano do Galo.
Restam vestígios e sombras apenas.

Os girassóis de Van Gogh estão mortos!
Somente agora os vejo cadáveres.
Somente agora murcham e enlouquecem
Diante das minhas janelas barrocas.

Há desolação em meu peito
E o coração assombra-se com
Conspirações, golpes.

A Poeta cisma da sua escrivantina
E gira na convulsão do mundo.
A Poeta transita entre as minas de ouro da Colômbia
Em amnésia, em guilhotinas, em fraudes.
Atordoada de si mesma e da sua condição.
O estúpido americano ataca a língua de Lorca!
O Chile, em incêndios.
Imigrantes sofrem açoites, pânicos.
Tudo o que canto faz-se poeira cósmica.
Tudo o que canto evade-se sem eco.
Tragam-me o ópio, o haxixe e o absinto!

CÂNHAMO

O tempo envelhece o telhado
E desola os meus ovários.
Teço cânhamo em São Luís
Teço o dia inteiro,
Teço a noite inteira,
Teço em todas as horas do meu dia
O tecido que não vestirei.

Invado rios em busca
Das dunas e me acanho diante
Do teu nome de assombros
Diante da tua boca de veleiros
Que não me deixa falar
Diante da tua presença
Que não me deixa existir.

Minha terra tem buritis
E no meu coração
Há um curso de cicios silenciados.
Discursos emudecidos.

Há emaranhados de maranhões em mim.

ADUSTO

PRIMEIRO MOVIMENTO

Ele me invade, árcade selvagem!
E lança suas mãos ávidas sobre
A minha pele de avelã madura,
Sobre a minha casca de aroeira.
Abeira-me de abismos e abius.

Toca a minha pele de tâmara -
Qual trovador em cítara -
Matura o tempo do meu luto
E engravida-me de avencas.

Vejo-o mascar nêspers de esperas
Para ver a flama do meu Desejo.
Vate do Alentejo!

E eu, que tanto tramara muros,
Furto seu nome que
- de eloquência e loquacidade -
Excitara precipícios de manhãs
Em minhas planuras de Poeta.

Entanto, nada me alenta!
E, ao relento, clamo por seu epíteto,
Eu, bastarda pantera de pântanos!

Contemplo-o aliciar palavras
Que serão doadas ao meu Oratório!
Ao meu templo de dispersões e cordilheiras.

Manifesto a minha Divindade
Em protestos de fúria.
Eu, toda feita de ínsulas e rudezas,
Uma ilha sacerdotisa
A cultivar papiros
No Oráculo de Sapho.

Vejo o meu Vate
Assistir ao itinerário da trepidez da Mulher
- toda eu!
Que tremula em sua presença.
Tocada pela arquitetura dos seus gestos
E pelos alicerces e declives
Da palma da sua mão.
A mesma mão que alimenta o gado
E que me alivia a fome,
O estado de viuvez
E de ausência.

SEGUNDO MOVIMENTO

- Vem, Adusto!
Consome meu ventre
E adentra meus poros!
Sê justo, derrama teu sêmen
E tua semente de Servo
Sobre as minhas alfombras,
Sobre os meus alfarrábios,
Alforrias, o meu tratado de veias,
Tramelas, arcas, eras, heranças e plagas.

- Enterra a tua fidelidade de Sáurion
Em sarcófagos da memória.

Eis-me toda cômoros
E comoção de cavidades,
Toda inumação de abrasamentos,
E de brasas.
Toda inumação de archotes de vontades acesas.

- Grado!

Assim, chamo-te, pois há muitos nomes
Para te ocultar da avidez das mulheres
E da sordidez tirânica dos homens.
Eram tuas, Grado, as candeias,
Os candelabros, os candeeiros

Que arfavam luzes sobre os nossos pelos
E sobre as nossas bocas desmaiadas,
Ante os cânticos de Salomão e a sapiência da Rainha de Sabá!
Naquele campo noturno das avenas,
Fizeste--me revelação de árias e templários.
Desvelaste, em anúncio de mistérios,
Sacros nomes: Baobá, Barriguda, Imbondeiro!

Desses tempos, Adusto, tenho feito minha homilia,
Minha hóstia, minhas oferendas.
Meus sacrifícios de animais, de sangue,
De penas, de mortes e de vidas.
Sulcos rompem meu corpo
E, nauta e louco, o teu olhar
Ainda imprime em mim desígnios
De fome e tormentas!

- Gótico Senhor dos Passos,
Senhor dos meus Vestígios,
Senhor dos meus tormentos de Escriba!
Vem, criva-me de cravos, bromélias, anêmonas!
Vem, criva-me de fados, fandangos, fagotes!

Em Carcassone, Árcade Selvagem,
Quedam-se meus burgos.
Abro minhas defesas para tua epiderme,
Tu, verme gentil que me consumiste a pele,
Entrego-te ânforas onde armazeno
Aromas e câimbras de amores pretéritos.

- Adusto, vem!
Aporta novamente em minha Casa
E anula qualquer nuance de presença alheia
Em meu leito, em minha alcova
Ou no rocio que cerca o meu terreiro.
Pousa teus olhos sobre o meu Universo,
Pois, tudo que o teu olhar toca
É-me sagrado!
E ganha magnitude de Eterno.
- Não vês?
A minha pele fez-se imortal e casta.
Temo levitar sobre as evidências do mundo.
Temo levitar - em observância - sobre o teu cotidiano apaziguado.
Temo realizar milagres de peixe, vinho e pão.
Temo hipnotizar bússolas, ponteiros
E as translações da terra!
Temo tornar-me nociva ao mundo, às marés
E aos ciclos eternos da Lua.
Tamanho é o meu poder de fêmea tocada.
Sinto-me Harpa destinada a te conduzir,
Enfim, de volta, àquele sítio onde só há
Desejo.